



**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA**

ROBERTA CRISTINA SILVA

AFETIVIDADE COMO FATOR FACILITADOR À APRENDIZAGEM.

ANÁPOLIS

2011

ROBERTA CRISTINA SILVA

AFETIVIDADE COMO FATOR FACILITADOR À APRENDIZAGEM.

Trabalho apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica sob orientação da Professora Especialista Ana Maria Vieira de Souza.

Anápolis

2011

ROBERTA CRISTINA SILVA

AFETIVIDADE COMO FATOR FACILITADOR À APRENDIZAGEM.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-GO, 22 de outubro de 2011.

APROVADA EM: _____ / _____ / _____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Ana Maria Vieira de Souza

Convidado (a): Artur Vandrê Pitanga

Convidado (a) Aracelly Rodrigues Loures Rangel

RESUMO

O presente artigo possui como foco um estudo de caso caracterizado por dificuldades de aprendizagem referentes à leitura, escrita e concentração. Sendo o estudo de caso, uma prática atribuída à Psicopedagogia Clínica, apresenta-se uma breve descrição sobre a mesma. Levanta-se também, questões pertinentes: a história vital do sujeito pesquisado, a realização da avaliação e a aplicação de testes psicopedagógicos. De posse dessas informações, aqui se estabelece um diagnóstico baseado na pesquisa e investigação, fazendo uso das hipóteses que conduziram à identificação da(s) causa(s) da(s) dificuldade(s) de aprendizagem apresentadas pelo sujeito pesquisado. A partir disso, constrói-se uma proposta de intervenção psicopedagógica que resultou, na apresentação, de uma devolução para a família sobre o caso aqui apresentado. Pois, a história do sujeito estará sempre relacionada com a sua família, mais especificamente, com as representações e significações presentes nas suas interações familiares.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Afetividade. Aprendizagem.

ABSTRACT

This article has focused on a case study characterized by learning difficulties related to reading, writing and concentration. As the case study, a practice attributed to Clinical Psychology, I present a brief description about it. We have also raised pertinent issues: the life history of the subject studied, the performance evaluation and application of psycho tests. Armed with this information will establish a diagnosis based on research and investigation, making use of assumptions that led us to identification (s) cause (s) (s) of difficulty (s) of instruction presented by the subject searched. From this, we built a psychoeducational intervention proposal that resulted in the presentation of a return to the family about the case presented here. For the history of the subject is always related to his family, more specifically, with the representations and meanings present in their family interactions.

Keywords: Psychology. Affectivity. Learning.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Ambiente Administrativo.....	13
Quadro 2- Educação Física e Recreação.....	13
Quadro 3- Ambiente Pedagógico.....	14
Quadro 4- Cronograma	15

LISTA DE SIGLAS

ABPP	- Associação Brasileira de Psicopedagogia
EOCA	- Entrevista Operacional centrada na Aprendizagem
INEP	- Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais
NEE	- Necessidades Educacionais Especiais
MEC	- Ministério da Educação

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I- METODOLOGIA	12
1.1 Campo de Estágio	12
1.2 Técnicas	14
1.3 Procedimentos	15
CAPÍTULO II- DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGOGICO	16
2.1 Instrumentos utilizados	16
2.1.1 <i>Anamnese</i>	16
2.1.2 <i>Entrevista com Paciente</i>	18
2.1.3 <i>Entrevista com o Professor</i>	18
2.1.4 <i>E.O.C.A.</i>	19
2.1.5 <i>Pareja Educativa</i>	20
2.1.6 <i>Desenho da Família</i>	20
2.1.7 <i>Dia dos Meus Compleânios</i>	21
2.1.8 <i>Os quatro momentos da Criança</i>	22
2.1.9 <i>Desenho Livre</i>	22
2.1.10 <i>Verificação da Superação ou não do Realismo Nominal</i>	23
2.1.11 <i>Verificação de Interpretação da Escrita antes da Leitura convencional</i>	24
2.1.12 <i>Observação em sala de aula</i>	24
2.1.13 <i>Observando a aluna fora da sala de aula</i>	25
2.1.14 <i>Análise do material escolar</i>	26
2.1.15 <i>Provas Operacionais de Piaget</i>	27
2.1.16 <i>A Hora do Jogo Diagnóstica</i>	29
2.1.17 <i>Provas Pedagógicas</i>	29
CAPÍTULO III-RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO	31
3.1 Informe Psicopedagogico	34
REFERÊNCIAS	37
ANEXO	39

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho dará conclusão à etapa do Estágio Supervisionado de Prática Psicopedagógica Clínica, do curso de pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica, tendo em vista a necessidade de uma experiência prática onde aplicou-se grande parte dos fundamentos aprendidos ao longo do curso, com os princípios teóricos e metodológicos estudados, agora, exercitando efetivamente a função de psicopedagogo clínico o mesmo discorre o assunto O está dividido em partes, sendo: introdução, diagnóstico, procedimentos, metodologia e anexos. O mesmo traz relatos de uma criança com queixa escolar a cerca da dificuldade de aprendizagem

O Estágio Supervisionado foi realizado em uma escola da Rede Conveniada de Anápolis. Esta etapa, com carga horária de 100 horas, teve início no dia 01/01/2011 e terminou no dia 01/10/2011.

Este trabalho é composto da descrição das atividades, das observações e das experiências vivenciadas no período do estágio que se baseou nas teorias de Piaget(1970), Visca (1987), Beauclair (2004), Pain (1985), Fernández (1990), Moojen (1999), Bossa (2000), dentre outros. Encontra-se anexados neste trabalho as fichas normatizadoras do estágio, descrições dos testes e cópias das atividades aplicadas com o aprendente. A atividade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos oportuniza aos estagiários o contato com o ambiente de trabalho, consciência da importância do trabalho desenvolvido, interação com novas pessoas e possibilidade de entrar no mercado de trabalho já com boas indicações.

INTRODUÇÃO

A cada dia cresce, demasiadamente, o número de crianças com dificuldades de aprendizagem. Investigando-se os motivos das dificuldades, frequentemente estão associados a problemas emocionais como: falta de estímulos suficientes, ausência materna e ou paterna e uma educação inadequada das escolas. Portanto o presente trabalho vem trazer contribuições psicopedagógicas para o diagnóstico de tais dificuldades.

Psicopedagogia é um campo de conhecimento e atuação em Saúde e Educação que lida com o processo de aprendizagem humana, seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio - família, escola e sociedade - no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios.

Segundo Bossa (2000, p. 21), a Psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda - o problema de aprendizagem, colocado num território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia - e evoluiu devido à existência de recursos, ainda que embrionários, para atender essa demanda, constituindo-se, assim, numa prática. A Psicopedagogia vem criando identidade e campo de atuação próprios, que estão sendo organizados e estruturados especialmente pela Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp).

O objeto de estudo deste campo do conhecimento é a aprendizagem humana e seus padrões evolutivos normais e patológicos. É necessário comentar que a Psicopedagogia é comumente conhecida como aquela que atende crianças com dificuldades de aprendizagem. É notório o fato de que as dificuldades, distúrbios ou patologias podem aparecer em qualquer momento da vida e, portanto, a Psicopedagogia não faz distinção de idade ou sexo para o atendimento.

Atualmente, a Psicopedagogia vem se firmando no mundo do trabalho e se estabelecendo como profissão. O Projeto de Lei 3.124/97 do Deputado Barbosa Neto que prevê a regulamentação da profissão de Psicopedagogo e que cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicopedagogia, está em tramitação na Câmara dos Deputados em Brasília na Comissão de Constituição, Justiça e Redação. A regulamentação da profissão ocorrerá para o nível de especialização e

o projeto já foi aprovado na Comissão do Trabalho e na Comissão de Educação, Cultura e Desporto.

Historicamente, segundo Bossa (2000, p. 36) os primórdios da Psicopedagogia ocorreram na Europa, ainda no século XIX, evidenciada pela preocupação com os problemas de aprendizagem na área médica. Acreditava-se na época, que os comprometimentos na área escolar eram provenientes de causas orgânicas, pois procurava-se identificar no físico as determinantes das dificuldades do aprendente. Com isso, constituiu-se um caráter orgânico da Psicopedagogia.

De acordo com Bossa (2000, p. 48), a crença de que os problemas de aprendizagem eram causados por fatores orgânicos perdurou por muitos anos e determinou a forma do tratamento dada à questão do fracasso escolar até bem recentemente. Nas décadas de 40 a 60, na França, ação do pedagogo era vinculada à do médico. No ano de 1946, em Paris foi criado o primeiro centro psicopedagógico. O trabalho cooperativo entre médico e pedagogo era destinado a crianças com problemas escolares, ou de comportamento que eram definidos como aquelas que apresentavam doenças crônicas com o diabetes, tuberculose, cegueira, surdez ou problemas motores.

A denominação "Psicopedagógico" foi escolhida, em detrimento de "Médico Pedagógico", porque acreditava-se que os pais enviariam seus filhos com mais facilidade. Em decorrência de novas descobertas científicas e movimentos sociais, a Psicopedagogia sofreu muitas influências.

Em 1958, no Brasil surge o Serviço de Orientação Psicopedagógica da Escola Guatemala, na Guanabara (Escola Experimental do INEP (Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais) do MEC (Ministério da Educação)). O objetivo era melhorar a relação professor-aluno.

Nas décadas de 50 e 60 a categoria profissional dos psicopedagogos organizou-se no país, com a divulgação da abordagem psico-neurológica do desenvolvimento humano. Atualmente, novas abordagens teóricas sobre o desenvolvimento e a aprendizagem, bem como inúmeras pesquisas sobre os fatores intra e extra-escolares na determinação do fracasso escolar contribuíram para uma nova visão mais crítica e abrangente.

O campo de atuação campo de atuação está se ampliando, pois o que inicialmente caracterizava-se somente no aspecto clínico, hoje pode ser aplicado no

segmento escolar, conhecida como Institucional, em segmentos hospitalares, empresariais e em organizações que aconteçam a gestão de pessoas.

A Psicopedagogia Clínica tem como missão, retirar as pessoas da sua condição inadequada de aprendizagem, dotando-as de sentimentos de alta auto-estima, fazendo-as perceber suas potencialidades, recuperando desta forma, seus processos internos de apreensão de uma realidade, nos aspectos: cognitivo, afetivo-emocional e de conteúdos acadêmicos.

O aspecto clínico é realizado em Centros de Atendimento ou Clínicas Psicopedagógicas e as atividades ocorrem geralmente de forma individual. O aspecto institucional, como já mencionado, acontecerá em organizações e está mais voltada para a prevenção dos insucessos interpessoais e de aprendizagem e à manutenção de um ambiente harmonioso, se bem que muitas vezes, deve-se considerar a prática terapêutica nas organizações como necessária.

É possível perceber que a Psicopedagogia também tem papel importante em um novo momento educacional que é a inserção e manutenção dos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) no ensino regular, comumente chamada inclusão. Entende-se que colocar o aluno com NEE em sala de aula e não criar estratégias para a sua permanência e sucesso escolar, inviabiliza todo o movimento nas escolas. Faz-se premente a necessidade de um acompanhamento e estimulação dos alunos com NEE para que as suas aprendizagens sejam efetivas.

Segue a seguir, o diagnóstico psicopedagógico realizado com a paciente D.A.S. Fruto de atendimentos individuais, pesquisas e muitas observações. É mais um exemplo, que justifica positivamente que todo fracasso escolar deve ser investigado, trabalhando assim a prevenção de maiores dificuldades posteriores.

Trata-se de uma criança de 10(dez) anos e 6(seis) meses que será, no decorrer do trabalho chamada de D.A.S. O principal objetivo foi buscar o seu histórico familiar, suas atitudes no contexto escolar e as ações docentes, analisar e participar ativamente das ações educativas através da observação direta, entrevistas e avaliações pedagógicas, a fim de apresentar um diagnóstico.

CAPÍTULO I- METODOLOGIA

1.1 Campos de estágio

O estudo foi realizado em uma escola da rede conveniada no município de Anápolis. A instituição tem 25 mil metros quadrados, terreno grande, situado em local popular. A doação do terreno foi feita pela Firma Louza de Oliveira, primeiramente para a Prefeitura Municipal e esta posteriormente às Irmãs Salesianas para a construção de um orfanato.

Representada na pessoa da Irmã Maria José Pinheiro, então diretora do Colégio Auxilium a Inspetora Madre Mazzarello, recebeu o imóvel do Prefeito Municipal Carlos de Pina, no início do ano de 1950. A escritura foi passada a 17 de março do mesmo ano. Suas instalações contam com:

Área da Escola	
A área total do terreno é de	25.000 m ²
Área construída	8. 115, 86 m ²
Área sem construir	16. 884, 14 m ²

Sendo assim distribuída:

Prédio escolar	3.412,26 m ²
Casa de Eventos Laura vicunã	3.200,20 m ²
Quadra de Esportes	996,49 m ²
Residência	507,11 m ²
Área livre incluindo o bosque	16.884,14 m ²

O prédio escolar está distribuído da seguinte forma:

Ambiente Administrativo (segue distribuição abaixo)

Quadro 1- Ambiente Administrativo

AMBIENTE ADMINISTRATIVO			
DESCRIÇÃO	Comp.	Largura	Altura
Corredores de entrada	4,15	2,70	3,80
Sala de mecanografia	7,30	6,20	3,80
Corredores banheiro,bebedouro/ funcionários	6,00	3,70	3,80
Depósito de material de limpeza	3,60	2,20	3,80
Sala de professores	9,38	3,37	3,80
Corredores grandes	56,15	3,35	3,80
Gabinete dentário	5,30	3,10	3,80
Sanitários do Pessoal Administrativo	7,40	1,80	3,80
Corredores descobertos	9,38	2,00	3,80
Sala do coordenador de turno	6,00	3,65	3,80
Corredores / circulação (tesouraria)	11,70	1,70	3,80
Diretoria	6,00	4,00	3,80
Secretaria	6,90	6,00	3,80
Portaria	4,75	2,70	3,80
Sanitários de alunos – feminino	6,15	2,40	3,80
Sanitários de alunos – masculino	6,15	1,80	3,80
Cantina	5,85	4,00	3,80
Depósito para merenda	4,00	4,00	3,80
Sanitários para alunos – feminino	2,90	1,90	3,80
Sanitários para alunos - masculino	2,90	1,90	3,80
Depósito de materiais diversos	4,00	4,00	3,80
Corredores de circulação / quadra	4,50	4,90	3,80
Corredores Hall	2,90	3,10	3,80
Laboratório de informática	9,38	8,15	3,80

Fonte:Patronato Madre Mazzarello,2011

Quadro 2 – Educação Física e Recreação.

EDUCAÇÃO FÍSICA E RECREAÇÃO			
DESCRIÇÃO	Comprimento	Largura	Altura
Vestiário Masculino	4,00	3,00	3,80
Vestiário Feminino	4,00	3,00	3,80
Quadra de Esportes coberta	40,10	24,85	
Parque Infantil	40,10	16,65	

Fonte:Patronato Madre Mazzarello,2011.

Quadro 3- Ambiente Pedagógico

AMBIENTE PEDAGÓGICO			
Sala de Aula	6,90	6,15	3,80
Sala de Aula	9,00	6,15	3,80
Sala de Aula	9,00	6,15	3,80
Sala de Aula	9,00	6,15	3,80
Sala de Aula	9,00	6,15	3,80
Sala de Aula	6,75	6,00	3,80
Sala de Aula	9,40	7,00	3,80
Biblioteca	9,90	9,40	3,80
Sala de Aula	9,40	7,35	3,80
Sala de Aula	6,00	4,80	3,80
Sala de Aula	6,40	5,27	3,80
Sala de Aula	6,40	6,20	3,80
Sala de Aula	6,40	6,40	3,80
Laboratório de Informática	9,00	6,15	3,80

Fonte: Patronato Madre Mazzarello, 2011.

A unidade escolar conta com 36 Professores do Ensino Fundamental. Conta ainda com dois Coordenadoras Pedagógicas, que atendem os alunos em seus horários de estudo.

Na referida escola, trabalham ainda uma Secretária Geral e duas auxiliares de serviços gerais, que exercem funções administrativas em geral. Seu público alvo são crianças de nove a quatorze anos.

1.2 Técnicas

É um processo que permite ao profissional investigar, levantar hipóteses provisórias que serão ou não confirmadas ao longo do processo recorrendo, para isso, a conhecimentos práticos e teóricos.

Para o desenvolvimento do presente trabalho se fez a necessidade de estabelecer um diagnóstico psicopedagógico e através dele a aplicação de testes psicopedagógicos como: entrevista inicial com o professor; *anamnese* com a mãe; entrevista com o aprendiz; Entrevista Operacional Centrada na Aprendizagem (EOCA); Técnicas Projetivas/Psicopedagógicas; análise do material escolar; observação no ambiente escolar; provas operatórias e provas pedagógicas.

1.3 Procedimentos

O presente estudo de caso foi realizado com o aprendente que aqui será chamado de D.A.S,aluno do 5º ano na Escola Patronato madre Mazzarello,local onde ocorreu as sessões.

Quadro 4- Cronograma

DIAS DO MÊS	ATIVIDADES REALIZADAS
03/06/11	Anamnese(com a mãe)
06/06/11	Entrevista com a professora e a Entrevista com o paciente
07/06/11	Entrevista Operacional Centrada na Aprendizagem (EOCA)
08/06/11	Pareja Educativa e Desenho da Família
10/06/11	Dia dos meus compleânios e os quatro momentos do seu dia
13/06/11	Desenho Livre e Verificação do Realismo nominal
14/06/11	Verificação de interpretação da escrita antes da leitura convencional, observação do paciente em sala de aula, observação do paciente fora da sala de aula e observação do material escolar do paciente.
15/06/11	Provas operacionais de Piaget.
22/06/11	A hora do jogo
28/06/11	Prova de matemática

Fonte: Patronato Madre Mazzarello,2011.

CAPÍTULO II – DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO

O Diagnóstico Psicopedagógico é o processo pelo qual é analisada a situação do aluno com dificuldades dentro do contexto escola e de sala de aula, com a finalidade de proporcionar aos professores orientações e instrumentos que permitem modificar o conflito manifestado. Fernandez (1990) afirma que o diagnóstico, para o terapeuta, deve ter a mesma função que a rede para um equilibrista. É ele, portanto, a base que dará suporte ao psicopedagogo para que este faça o encaminhamento necessário. É um processo que permite ao profissional investigar, levantar hipóteses provisórias que serão ou não confirmadas ao longo do processo recorrendo, para isso, conhecimentos práticos e teóricos.

Esta investigação permanece durante todo o trabalho diagnóstico através de intervenções e da "[...] escuta psicopedagógica [...]", para que "[...] se possa decifrar os processos que dão sentido ao observado e norteiam a intervenção" (BOSSA, 2000 p. 24).

Na Epistemologia Convergente todo o processo diagnóstico é estruturado para que se possa observar a dinâmica de interação entre o cognitivo e o afetivo de onde resulta o funcionamento do sujeito (BOSSA, 1995, p.80).

Conforme Weiss, o objetivo básico do diagnóstico psicopedagógico é identificar os desvios e os obstáculos básicos no Modelo de Aprendizagem do sujeito que o impedem de crescer na aprendizagem dentro do esperado pelo meio social (WEISS, 2003, p. 32).

O diagnóstico possui uma grande relevância tanto quanto o tratamento. Ele mexe de tal forma com o paciente e sua família que, por muitas vezes, chegam a acreditar que o sujeito teve uma melhora ou tornou-se agressivo e agitado no decorrer do trabalho diagnóstico. Por isso deve-se fazer o diagnóstico com cuidado observando o comportamento e mudanças que podem ocorrer no sujeito.

2.1 Instrumentos utilizados

2.1.1 Anamnese

A *anamnese* é uma das peças fundamentais para se chegar a um diagnóstico. Através dela nos serão reveladas informações do passado e presente

do sujeito juntamente com as variáveis existentes em seu meio. Observa-se a visão da família sobre a história da criança, seus preconceitos, expectativas, afetos, conhecimentos e tudo aquilo que é depositado sobre o sujeito.

Segundo Weiss, o objetivo da *anamnese* é "colher dados significativos sobre a história de vida do paciente" (WEISS, 2003, p. 61).

Consiste em entrevistar o pai e/ou a mãe, ou responsável para, a partir disso, extrair o máximo de informações possíveis sobre o sujeito, realizando uma posterior análise e levantamento do 3º sistema de hipóteses. Para isto é preciso que seja muito bem conduzida e registrada.

No presente caso a realização da *anamnese* (Anexo A) se deu no dia 16/05/2011 com a mãe de D.A.S de 10(dez) anos e 6(seis) meses ,pois é separada do pai de D.A.S,aluno da escola PMM/Aps, sendo que queixava-se da dificuldade de aprendizagem apresentada pela criança, que apresentava desatenção, irrequietude, desorganização e desinteresse pelas atividades escolares.

A mãe de D.A.S têm o Ensino Fundamental incompleto. Têm mais 2(dois) filhos, sendo um de 16 anos e outro de 18 anos que por sinal apresentam problemas com bebidas alcólicas,ambos os filhos mais velhos pararam os estudos.

Segundo a mãe, o menino apresenta problemas de aprendizagem desde o 4º ano, porém nunca procuraram um especialista, principalmente por falta de condições econômicas e tempo.

A realização da *anamnese* foi de extrema importância, pois foi possível concluir através da fala da mãe que o aprendente D.A.S apresenta um grande comprometimento emocional,apesar da mãe dizer que sua gravidez foi planejada e tudo correu dentro das normalidades percebe-se a fala manifesta da mãe, mas no latente revela a separação dos pais trazendo angústia à D.A.S que não aceita e então D.A.S transfere esse amor a um casal de periquitos que o mesmo possui em sua casa lhe dano os nomes de Romeu e Julieta,foi a forma que ele encontrou para representar o amor.

Fica também claro que D.A.S é um sujeito epistemofílico. O obstáculo epistemofílico é utilizado por Visca (1987) para designar o vínculo afetivo que o aprendiz estabelece com os objetos e situações de aprendizagem. Um vínculo inadequado também possui a capacidade de impedir ou dificultar a aprendizagem, e neste caso fica caracterizado o abandono familiar já que D.A.S fica o dia todo na escola,a mãe não sabe ensinar tarefa os irmãos não tem paciência .

2.1.2 Entrevista inicial com o paciente (Anexo B)

É exatamente aquela que busca razões, investiga o percurso do saber e quando necessário, faz os encaminhamentos dos casos com base na conclusão de avaliação. Nessa entrevista inicial geralmente, se reúnem o psicopedagogo e a criança, tendo como objetivos a compreensão da queixa, a captação das relações e expectativas centradas na aprendizagem escolar, a expectativa em relação à atuação do psicopedagogo, a aceitação e o engajamento da criança no processo diagnóstico e o esclarecimento do que é um diagnóstico psicopedagógico. No entanto, como em qualquer entrevista, é necessário criar um clima de confiança para que haja a livre circulação de sentimentos e informações a fim de que se possam fazer observações que possibilitaram alcançar os objetivos esperados.

Segundo Bassedas (1996, p. 87)

[...] cabe destacar que a configuração e o tratamento da entrevista variam muito, tanto em função da idade da criança como do motivo pelo qual ela nos foi encaminhada. Em geral, os alunos maiores entendem melhor a problemática que vive e são mais capazes de comunicar suas vivências ao psicopedagogo, ao mesmo tempo em que se mostram mais receptivos no momento em que é feita alguma indicação.

O fundamental é que, ao final dessa entrevista, a criança saia mais tranqüila e menos ansiosa, sem perder de vista a necessidade de continuidade do diagnóstico. Tal entrevista foi muito colaborativa, pois entende-se que o paciente é uma criança cuja história, sob o ponto de vista psicopedagógico, contém inúmeros fatores emocionais que estão se tornando obstáculo à sua aprendizagem.

2.1.3 Entrevista com o Professor (Anexo C)

De acordo com Weiss (1992, p.18), a atuação Psicopedagógica busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos e educadores.

Para Drouet (1995, p.12) “Na escola o professor deve estar sempre atento às etapas do desenvolvimento do aluno, colocando-se na posição de facilitador da aprendizagem e calcando seu trabalho no respeito mútuo, na confiança e no afeto.”

Análise - Entrevista Inicial

Aluno: Será uma criança na listagem de déficit de atenção?

Escola: como ajudar este professor a vencer esta etapa em seu trabalho?

O professor também poderá ajudar bastante no desenvolvimento dessa criança, sendo amiga, valorizando suas realizações, especialmente nas áreas em que prevalecem suas capacidades e seus interesses.

2.1.4 Entrevista Operacional Centrada na Aprendizagem (EOCA)

A realização da EOCA (Anexo D) tem a intenção de investigar o modelo de aprendizagem do sujeito sendo sua prática baseada na psicologia social de Pichón Rivière, nos postulados da psicanálise e método clínico da Escola de Genebra (Bossa, 2000, p. 44).

Para Visca, a EOCA deverá ser um instrumento simples, porém rico em seus resultados. Consiste em solicitar ao sujeito que mostre ao entrevistador o que ele sabe fazer, o que lhe ensinaram a fazer e o que aprendeu a fazer, utilizando-se de materiais dispostos sobre a mesa, após a seguinte observação do entrevistador: "este material é para que você o use se precisar para mostrar-me o que te falei que queria saber de você" (VISCA, 1987, p. 72).

É da EOCA que o psicopedagogo extrairá o 1º Sistema de hipóteses e definirá sua linha de pesquisa e assim foi dada a consigna:

D.A.S, aqui estão estes materiais, tais como: Uma folha sulfite, uma folha com linhas, uma régua, uma caneta, um lápis, um tubo de cola, um apontador, um pedaço de folha de papel presente, uma revista e um marcador. Quero que você me mostre o que você sabe fazer com estes materiais. Pode criar do seu jeito.

Assim que lhe foi dado a consigna D.A.S ficou pensativo, mexeu nos materiais que estavam sobre a mesa, porém ele só utilizou: 1 folha pautada, o lápis, a borracha, a régua e lápis de cor. Manipulava os materiais com uma certa tensão, mordendo os lábios o tempo todo. Relacionando a parte cognitiva percebe-se que não houve criatividade, repetiu situação escolar. Não explorou os materiais restantes. Afetivo demonstra viver conflitos internos, não está resolvido a situação perda para o mesmo. Seu aspecto é de alguém com preguiça. Desiste fácil das coisas. Precisa de estímulo constante.

2.1.5 Pareja Educativa (Anexo E)

“Durante a realização de qualquer desenho, é fundamental se observar o processo de produção: a postura corporal, a motricidade fina, o ritmo como trabalha, a forma de elaborar as figuras e a cena” (WEISS, 2001, p.121).

Somente a “paixão de ensinar” demonstrada pelo professor pode conduzir o aluno à “paixão de aprender” na sala de aula. “Esta relação professor-aluno está, a nosso ver, especificada num contexto psicopedagógico chamando a atenção para a relação ensinante-aprendente” (PAIN, 1985; FERNÁNDEZ, 1990).

No desenho da pareja educativa solicitou-se que a criança desenhasse uma pessoa que ensina e uma que aprende.

Foi solicitado à D.A.S que desenhasse duas pessoas, demonstrando no desenho a que ensinava e a que aprendia. Foi entregue a ele um lápis com ponta, uma borracha e uma folha de papel A4.

Logo que recebeu as instruções, D.A.S perguntou se podia desenhar a professora e o quadro da sala, lhe foi respondido que poderia fazer do jeito que achasse melhor. Logo foi procurando uma régua e então foi instruído para que fizesse sem régua.

Com a realização desta atividade D.A.S demonstrou compreensão da instrução, mostrou independência na execução da tarefa, não solicitou ajuda ou fez perguntas durante a execução, porém não demonstrou tranquilidade ao realizar a tarefa. Fica claro que a figura do Professor para a criança está como o dono do saber, e alguém autoritário que o ignora. D.A.S demonstra conflito nesta relação aprendiz - ensinante, não há vínculo de amizade. O mesmo não é referência afetiva para D.A.S.

2.1.6 Desenho da família (Anexo F)

O uso do desenho em um diagnóstico psicopedagógico aproveita uma forma de a criança expressar-se espontaneamente, satisfazendo seus desejos de atividade lúdica. O desenho torna-se um meio útil para a criança exprimir-se livremente. O desenho da família, particularmente, permitirá que ela projete as tendências e seu inconsciente e, assim, poderá nos revelar os verdadeiros sentimentos que nutre pelos seus. O desenho da família realizando alguma atividade

também revela as relações da criança no núcleo familiar, as dificuldades na separação, no crescimento. É uma técnica que permite a projeção da personalidade global, consciente e inconsciente, e, por outro lado, é bastante estruturado para permitir a análise da personalidade por comparação com resultados experimentais fornecidos por outros sujeitos. Permite em tempo breve, observar como cada um se localiza dentro do grupo; alguns omitem a si mesmos ou um irmão ou os pais ou um deles; colocam-se muitas vezes maiores ou menores do que realmente são em relação aos outros, chegando até mesmo a colocar duas famílias. A análise conjunta desses “retratos”, geralmente na primeira sessão nos fornece dados diagnósticos, dinâmicos, de impacto, etc.

Nesta sessão entreguei uma folha de papel A4 branca, lápis preto e borracha e pedi para que ele desenhasse para mim uma família. D.A.S desenhou somente ele e a mãe, o questionei sobre o irmão o pai D.A.S não soube responder, se fecha. Sem noção de família, insegura, tenso D.A.S retratando sua insatisfação com o seu mundo real, quando deixa os outros personagens de fora do desenho. Seu conflito interno demonstrado mais uma vez, contribui para que D.A.S apenas sonha com um viver menos conflitante.

2.1.7 Dia dos Meus Compleânios (Anexo G)

Vivenciar Psicopedagogia é um estado de ser e estar sempre em formação, projeção e em processo de permanente criação. Criação de sentidos para nossa própria trajetória enquanto aprendentes e ensinantes, enquanto seres viventes na complexa gama de relações que estabelecemos com o nosso tempo e espaço humano (BEUCLAIR, 2004, p.38).

O mesmo autor afirma que

Todas as nossas ações e produções, por serem humanas, estão sempre em processo de permanente abertura, colocadas num prisma próprio para novas interpretações e busca de sentidos e estão situadas num movimento incessante de desconstrução e de re-construção (Ibid,2004,p.38)).

Dito isso de outra forma, pode-se afirmar que, no tempo de reconfiguração paradigmática, os conceitos estão constantemente sendo revistos e

ganhando novos significados. Com a Psicopedagogia, não podia ser diferente, visto que o pensar reflexivo sobre esta área do conhecimento se constitui em uma das importantes tarefas a ser desempenhada por quem a tem como campo de ação, profissionalidade, dedicação e estudo.

Foi solicitado à D.A.S que desenhasse para sobre o dia do seu aniversário, imediatamente sem questionar começou o desenho e foi bem rápido, já que só desenhou ele uma mesa e sobre a mesa um bolo. Lhe foi perguntado se teve festa, se ele estava alegre e se ele havia ganhado presentes ele disse que não teve festa, ele estava mais ou menos alegre e havia ganhado presentes ele respondeu um vídeo game de sua mãe. Através desta atividade percebe-se que D.A.S mostra insegurança, medo, auto-estima baixo, desequilíbrio emocional, desajuste de afetividade, conflito interno, insatisfação, sentimento de inadequação no contexto familiar.

2.1.8 Os 4 momentos do dia (Anexo H)

Os quatro momentos do dia que vem auxiliar na investigação dos vínculos que são criados ao longo de uma jornada. Através dos dessa atividade percebe-se o quanto D.A.S se sente abandonado pela família pois todos os momentos ele se encontra na escola, se sente também isolado pois em todos os desenhos ele está sozinho. No primeiro ele desenhou uma quadra da escola, disse que gosta de jogar bola, no segundo desenhou ele com um caderno na mão, disse que estava mostrando a tarefa para a professora, no terceiro ele estava aguçando uma árvore, lhe foi questionado se a árvore estava viva e se ele pudesse associar a árvore a alguém a quem seria, ele respondeu que sim estava viva, mas ele não soube responder quem seria a árvore, no quarto desenho ele está pescando.

2.1.9 Desenho livre (Anexo I)

Uma das principais ferramentas utilizadas no Diagnóstico Psicopedagógico é a análise de testes projetivos, cuja finalidade é a projeção de conteúdos presentes no inconsciente da criança de forma concreta, ou seja, por meio da utilização de figuras prontas ou de desenhos feitos pela mesma. O desenho

livre tem como objetivo avaliar o desenvolvimento cognitivo, e é pouco utilizado e conhecido. Este teste pode ser uma ferramenta importantíssima para avaliar e detectar um possível atraso no desenvolvimento cognitivo da criança, tanto na clínica como em sala de aula.

Nessa sessão foi disponibilizado à D.A.S uma folha de papel A4, um lápis preto e uma borracha, com a seguinte consigna que ele desenhasse o que quisesse, ele pensou e desenhou um carro, dizendo ser um carro de polícia, pois era o seu sonho ser policial, "é para prender as pessoas para não ir no caminho errado".

Agora é solicitado para que D.A.S escreva uma história sobre o desenho, ele escreveu: "Eu dirigi a viatura da polícia para não levar as pessoas para o caminho errado".

Através do texto de D.A.S conclui que o mesmo enfrenta conflitos internos uma vez que o mesmo vê a mãe chorar pelo problema que o filho mais velho enfrenta que é o envolvimento com bebidas alcoólicas, o desejo de ser policial implicar na vontade de resgate do irmão e ao mesmo tempo a amenização do sofrimento da mãe.

2.1.10 Verificação da Superação ou não do Realismo Nominal (Anexo J)

O realismo consiste, ao contrário da objetividade, em ignorar a existência do eu e a partir, daí assumir a própria perspectiva como imediatamente objetiva e como absoluta.

O realismo é, então, a ilusão antropocêntrica, é o finalismo, é todas as ilusões onde a história das ciências. Na medida em que o pensamento não tomou consciência do eu, ele se expõe, efetivamente, às eternas confusões entre o objetivo e o subjetivo, entre o verdadeiro e o imediato; ele enquadra todo o conteúdo da consciência sobre um único plano sobre o qual as relações reais e as emanções inconscientes do eu estão irremediavelmente confundidas.

D.A.S superou o realismo nominal, compreende letras, sílabas, tamanho relacionado a palavras.

2.1.11 Verificação de Interpretação da Escrita antes da Leitura Convencional

O processo de leitura é caracterizado pelas fontes de informação visuais e não visuais as quais o leitor recorre. As visuais são as informações gráficas, e as não visuais são as do conhecimento da língua do leitor, e dos temas envolvidos. A leitura é um processo de coordenação de informações, e tem o objetivo final de obter um significado expresso linguisticamente.

“As estratégias de leitura enquanto recursos utilizados para construir significados são ainda pouco conhecidos por alguns educadores, inclusive observam-se relatos onde esses pensam que se ensina estratégia de leitura. Na verdade há que se propiciar momentos para que seja vivenciadas situações onde a criança que ainda não sabe ler convencionalmente possa fazer uso desses recursos. Muitas das estratégias são passíveis de trocas, e outras estarão presentes antes, durante e depois da leitura. Acrescenta ainda que as estratégias de leitura devem estar presentes ao longo de toda a atividade”. (SOLÉ, 1998, p.89).

Por ele ter 10 anos e seis meses deveria estar no nível operatório concreto, passando para adolescência, porém ainda apresenta alto índice de imaturidade. Tudo apresentou ser infantilizado. Não percebeu que pode fazer uma leitura sem palavras, só com imagens (ninguém disse isso a ele). Sabe distinguir número de letras. D.A.S lê com muita dificuldade, não tem entonação, não respeita pontuação e às vezes nem percebe o fato. Tem muita dificuldade de interpretar aquilo que se lê. Possui uma forma ordenada para ler, obedecendo a direção gráfica (da esquerda para a direita e de cima para baixo). A insegurança lhe traz conseqüência como gaguejar, troca as palavras, omite som. Ainda na Língua Portuguesa, D.A.S tem dificuldade de organizar seu pensamento numa produção de texto, quando lhe foi solicitado que construísse o texto oralmente se recusou, e quando insisti o mesmo não teve seqüência lógica de pensamento.

Para a área de matemática, percebe-se uma grande dificuldade de interpretar problemas, resolver desafios e em cálculos. Não tem noção básica de alguns valores.

2.1.12 Observação em sala de aula

Segundo Vygotsky (1988) o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, daí o papel da escola na construção do “ser psicológico” dos indivíduos que vivem

em sociedades escolarizadas. O psicopedagogo e o professor devem atuar na zona de desenvolvimento proximal como mediadores, e interventores no organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie. Para o desempenho desse papel é preciso conhecer os processos já consolidados pela criança, seu nível de desenvolvimento real, os que já se iniciou ou não na zona proximal e o que se precisa aprender para o desenvolvimento de suas funções psicológicas – Zona de Desenvolvimento Potencial ou Imediato

Dessa forma, o profissional deverá considerar sujeitos aprendentes e a instituição onde estão inseridos, tendo em vista os mitos, as crenças, a forma de se relacionar com a aprendizagem, para realizar um trabalho eficaz e voltado para as reais necessidades do aluno.

Observa-se, na sala de aula, que D.A.S. senta-se na quarta carteira encostado-se à parede, não faz perguntas, não participa da aula e a professora dirige-se a todos os alunos, dizendo as atividades que deveriam ser feitas.

O aluno senta-se de lado na carteira, às vezes coloca os pés na mesma, pega o livro de geografia, coloca-o em cima da carteira, assim como também o caderno e começa a fazer a cópia de um questionário com 10 questões, que a professora disse já ter explicado o conteúdo na aula passada que teria sido a 2 dias atrás parecia uma tarefa exaustiva.

Durante a observação, percebi que D.A.S. se distrai com tudo a sua volta, com o caderno do colega que cai no chão, com a entrada de uma pessoa diferente na sala etc. também pude observar que é lenta ao copiar e apresentou dificuldades em concluir a tarefa. A professora não se dirigiu ao aluno nenhuma vez, apenas observando-o.

2.1.13 Observando o aluno fora da sala de aula

Segundo Winnicott é no brincar, somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral, e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu eu. (WINNICOTT, 1975, p.80).

Observando D.A.S. no recreio, conversa com todos sendo de sua turma ou não. Estas não eram da sua turma. Foi percebido que D.A.S conversou e brincou naturalmente, não apresentando dificuldade de relacionamento com crianças de outra sala, demonstrando-se feliz ao brincar, porém percebe-se também que as

brincadeiras por parte de D.A.S é muito infantil como:se joga no chão e sorri muito, ficando claro que ele quer ter toda a atenção voltada para ele revelando a sua insegurança e o medo de exclusão.

2.1.14 Análise do Material Escolar

Analisando o material escolar, o psicopedagogo poderá constatar as relações da criança com a escola, a professora e a aprendizagem. Observando suas dificuldades nas tarefas apresentadas no caderno, no livro, etc., e ainda, a atuação da professora.

Objetivo: Fazer interferências sobre a natureza da relação do aluno com a escola com a professora e o aprender, obter indício das dificuldades apresentadas pela criança na realização de suas tarefas escolares, fornecer pistas sobre a atuação da professora, suas estratégias de ensino, os conteúdos e atividades priorizados, recursos para reforço e correção e atitudes frente ao aluno.

Tópicos a serem analisados:

a)apresentação do caderno: capa, folhas em branco, "orelhas", tarefas incompletas ou nem mesmo iniciadas, rasuras, estado de conservação, etc.

b)dificuldade apresentadas: observação da utilização e organização do espaço da página, coordenação motora evidenciada pela escrita, erros ortográficos, emprego das convenções da escrita, etc.

c)atuação da professora, conteúdos ministradas, atividades de língua portuguesa e matemática. Adequação do conteúdo ao nível da série e ao nível do aluno; correções, anotações, elogios, críticas, bilhetes escritos pela professora no caderno, etc.

Analisando os tópicos:

1)O estado de conservação do caderno é razoável, foram observadas tarefas sem correções em atividades feita em sala de aula. Quando questionei D.A.S como isto acontecia, o mesmo se justificou dizendo que não dava tempo de resolver tudo em sala. Folhas escritas pela metade, não ia até o final da página, "Orelhas" em alguns cadernos, em especial os mais usados.

2)Escritas feitas com lápis de ponta grossa, vários erros ortográficos onde alguns foram corrigidos pela professora com caneta vermelha sobre a escrita errada.

3)As atividades eram monótonas, pouca criatividade em especial na área da língua portuguesa, em relação a matemática percebe-se muita cópia e pouquíssimo trabalho concreto dentro do lógico matemático. Alguns incentivos foram vistos, embora raramente isto ocorresse. Demonstra usar muito a borracha.

Análise: Aula com pouca criatividade. Monótona.

2.1.15 Provas Operacionais de Piaget

Segundo Weiss:

As provas operatórias têm como objetivo principal determinar o grau de aquisição de algumas noções-chave do desenvolvimento cognitivo, detectando o nível de pensamento alcançado pela criança, ou seja, o nível de estrutura cognoscitiva com que opera (2003, p. 106).

Visca nos alerta que não se deve aplicar várias provas de conservação em uma mesma sessão para se evitar a contaminação da forma de resposta. Observa que o psicopedagogo deverá fazer registros detalhados dos procedimentos da criança, observando e anotando suas falas, atitude, soluções que dá às questões, seus argumentos e juízos, como arruma o material. Isto será fundamental para a interpretação das condutas.

Com D.A. S foram realizadas as seguintes provas:

1)PROVA DA CONSERVAÇÃO DE QUANTIDADES DISCRETAS (Anexo K)

MATERIAL: 10 fichas vermelhas 10 fichas azuis

PROCEDIMENTO DE APLICAÇÃO: 1.

Conversei sobre as fichas e pedi que D.A.S escolhesse uma cor. Dispus sobre a mesa seis fichas, azuis, alinhando-as, e pedi à criança que fizesse outra igual com as fichas vermelhas, disse: “Ponha o mesmo tanto (a mesma quantidade) de suas fichas, como eu fiz com as azuis, nem mais nem menos”, ou faça com suas fichas uma fileira igual a minha, com o mesmo tanto nem mais nem menos D.A.S. fez com êxito. Mas no decorrer da atividade fica claro que D.A.S não têm noção de conservação discreta.

2)PROVA DA CONSERVAÇÃO DAS QUANTIDADES DE LÍQUIDO (Anexo L)

MATERIAL:- Dois copos idênticos. - Um copo estreito e mais alto. - Um copo mais largo e mais baixo. - Um jarro de plástico

PROCEDIMENTO DE APLICAÇÃO

.A - Conversei com a criança e a convidei-a fazer uma experiência com água. “Vou colocar água nestes dois copos (copos iguais) quando eles estiverem com a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de água você me avisa? Olhe bem!”1. Coloquei a água até mais ou menos a metade do copo e seguiu-se a atividade .Ao termino da atividade percebe-se que não houve conservação de Líquido.

3)PROVA DA CONSERVAÇÃO DA MASSA (Anexo M)

MATERIAL- Massa de modelar colorida

PROCEDIMENTO DE APLICAÇÃO

A. Convidei a criança para brincar com massa de modelar. Peguei uma quantidade de massa que deu para fazer uma bolinha de 2 ou 3 centímetros de diâmetro e ofereci outro pedaço igual para a criança. Fiz uma bolinha e pedi que a criança fizesse o mesmo com a massa dela. Durante essa atividade que está em anexo percebe-se que D.A.S não tem noção de conservação massa.

4)PROVA DE INCLUSÃO DE CLASSE (FRUTAS) (Anexo N)

MATERIAL:- 7 Frutas de plástico ou natural sendo 5 maçãs e 2 bananas.

PROCEDIMENTO DE APLICAÇÃO:

Depois de uma conversa inicial com a criança a fim de deixá-lo à vontade, apresentei-lhe as sete frutas e o questionei conforme anexo e fica claro que D.A.S não possui a noção de inclusão de classe operatória.

5)PROVA DE CLASSES - MUDANÇA DE CRITÉRIO OU DICOTOMIA (anexo O)

Nessa prova percebe-se que D.A.S - tem noção de classe

2.1.16 A hora do jogo

A Hora do Jogo Diagnóstica é um instrumento utilizado no processo psicodiagnóstico desenvolvido por Sara Pain (1985) que objetiva conhecer a realidade do paciente, quando este é uma criança. Pois, a atividade lúdica é para a criança um meio de comunicação semelhante à expressão verbal, nos adultos.

A atividade lúdica inclui os três aspectos da função semiótica que, desde o ponto de vista evolutivo, começa aos dois anos de idade, uma vez construindo o mundo prático; são eles, o jogo, a imitação e a linguagem. O jogo é uma atividade predominantemente assimilativa, através da qual o sujeito alude a um objeto, propriedade ou ação ausente, através de um objeto presente que constitui o símbolo do primeiro e guarda com ele uma relação motivada (PAIN, 1985; p, 18).

Neste sentido, cada Hora do Jogo Diagnóstica é uma experiência nova que deve ser realizada em ambiente espaçoso.

O menor foi encaminhado para o atendimento psicopedagógico porque estava muito desorganizado, recusava fazer as atividades propostas, com baixa auto-estima, insegurança, omitia e trocava letras.

Levando em consideração a queixa escolar e os dados colhidos através da entrevista com a mãe, iniciei o trabalho, considerando os aspectos orgânicos, emocionais, familiares e escolares.

Através dos jogos, observa-se que a criança não gosta de executar tarefas que exijam o raciocínio, pois quando encontra dificuldades, desiste da atividade, se está jogando e perde tenta mudar as regras do jogo.

2.1.17 Provas pedagógicas

Prova de matemática (Anexo P)

A Matemática tem importância relevante no processo educacional, visto que desde as primeiras séries o aluno se depara com situações problemas, que vão sendo solucionadas durante a vida. Segundo Bossa (1994).

O ensino da matemática é uma necessidade impreterível em uma sociedade cada vez mais complexa e tecnicista, na qual é difícil encontrar espaços nos quais essa disciplina não tenha interferido; na atualidade a maioria das ciências inclusive as ciências humanas e sociais, como a psicologia, a sociologia ou a economia, tem cada vez mais, um caráter matemático. As análises estatísticas e cálculos de probabilidades são elementos essenciais para tomar decisões políticas, sociais ou econômicas e, inclusive, pessoais; usa-se a matemática no esporte, na distribuição de postos de trabalho.

D.S.A. apresenta comprometimento cognitivo, dificuldade de concentração.

CAPÍTULO III - RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO

Ao longo deste trabalho, tenta-se explicar como entender e realizar o diagnóstico de um aluno com distúrbios de aprendizagem. Estudou-se o indivíduo que aprende, no seu aspecto normal e patológico, considerando os diferentes sujeitos e sistemas que estão envolvidos no diagnóstico do mesmo.

Para realização do diagnóstico psicopedagógico, usei de vários instrumentos de trabalho, bem como, entrevistas, jogos, observações, etc., procurando aplicá-los com base nos conceitos e teorias vinculados à prática. De acordo com o diagnóstico realizado, pude conhecer constatar encaminhar para um resultado feliz, o qual dá oportunidade de um encaminhamento à especialistas capazes de tratar e solucionar os distúrbios constatados, sejam eles de aprendizagem, psicológico, social ou físico.

A realização desse processo diagnóstico floresceu um trabalho fundamentado em caminhos de reflexões e estudos destinados a uma prática de assessoramento e orientação, capaz de despertar a garantia de uma possível cura. Segundo essa paixão, para Paín in Fernández (1990, p.35).

Se no transcurso do diagnóstico ou do tratamento não conseguimos apaixonar-nos por essa vida, nem pensá-la como um drama onde se está jogando este tipo de coisas que a mitologia põe em um relevo especial, mas que estão em todos os seres humanos, estaremos banalizando o sujeito. Não podemos curá-lo nem entendê-lo. Justamente a possibilidade de curá-lo, ou seja, de fazê-lo surgir como diferente, é facilitar seu trabalho de recriar-se como pessoa interessante. Que sinta que sua personalidade se diferencia das outras e tem um caminho próprio que é capaz de construir, que vislumbre uma possível escolha, certo grau de liberdade, ainda que seja no conhecimento.

Desta forma, a autora afirma que o psicopedagogo deve ser aquele apaixonado pela vida, pelos seres humanos, pela diferença de personalidade, pelo conhecimento de cada ser. A questão do objeto da Psicopedagogia se relaciona com a maneira como se entende o conhecimento e a própria escrita: se como dádivas divinas a serem compartilhadas com os aprendentes, se como resultado de um processo produtivo.

No primeiro caso, o objeto de estudo da Psicopedagogia se resumiria àquilo que a autora nos diz ter sido sua primeira abordagem: uma terapia para superar as dificuldades de aquisição do conhecimento. No início, seu objeto são os sintomas das dificuldades de aprendizagem desatenção, desinteresse, lentidão, astenia etc. e, assim, seu objetivo é remediar esse sintomas.

A dificuldade de aprendizagem seria apenas um mau desempenho, um produto a ser tratado. Entretanto, se entendermos o conhecimento como um processo contínuo, tal como tende a fazê-lo hoje a filosofia da ciência, não se pode esperar que a Psicopedagogia seja uma terapia para as dificuldades de aquisição do domínio dos códigos ou linguagens que permitem a produção do conhecimento, mas é necessário situá-la num patamar mais alto, obtendo-se assim uma visão mais ampla.

Nesse caso, entende-se a Psicopedagogia como a área de estudo interdisciplinar, abrangendo diferentes áreas do conhecimento, e cujo campo de atuação seria identificado pelo processo ensino/aprendizagem, e que tem por objeto de estudo o ser cognoscente.

Diante de todo o exposto nos capítulos de revisão de literatura, metodologia e resultados, podem ser estabelecidas algumas sínteses para considerações finais de todo o curso de psicopedagogia, não estando as mesmas presas ou em teorias ou práticas e sim em ambas.

O uso de jogos ajuda a criar na sala de aula uma atmosfera de motivação que permite ao aluno, seja ele criança ou adulto, participar ativamente do processo ensino-aprendizagem natural do ser humano. Ao brincar e jogar, o indivíduo fica tão envolvido com o que está fazendo que coloque na ação seu sentimento e emoção.

O jogo, assim como a atividade artística, é um elo integrador dos aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais. É brincando e jogando que a criança ordena o mundo à sua volta, assimilando experiências e informações e, sobretudo, incorporando atitudes e valores. É por intermédio do jogo e do brinquedo que ela reproduz e recria o meio circulante

As observações realizadas com o sujeito D.A.S mostraram que alguns fatores como: estar vivendo com os pais separados, a ausência da mãe devido ao horário de trabalho, estão contribuindo para que haja mudanças no seu comportamento.

Durante o atendimento foi possível perceber que a criança sentia-se rejeitada, carente, insegura, falava quase sempre olhando para o chão, demonstrou ter dificuldades em se relacionar com a mãe e os dois irmãos, pois D.A.S fica na escola período integral.

A mãe enfrenta enormes dificuldades financeiras, precisa trabalhar o dia todo, recebendo um baixo salário, que às vezes quase não dá para pagar as contas no final do mês. Não tem hora certa para voltar do trabalho e conseqüentemente não tem tempo para os filhos, acredito que essa ausência em casa contribui para que a criança sintasse-se carente, rejeitada e acaba se envolvendo com bebidas e outros como é o caso do filho mais velho, não para demonstrar que é forte, violento, mais é uma forma de pedir atenção, carinho, é a maneira que ele está encontrando para se defender da situação que o angustia.

Percebe-se que apesar da criança brincar ser espontânea na fala, ela está com baixa auto-estima, sente-se triste e confusa, sem motivação e para ajudá-lo seria necessária uma maior aproximação por parte dos pais, deveriam acreditar mais nele e na sua capacidade, seria necessário que fossem estabelecidos critérios no sentido de colocar limites, os pais teriam que procurar falar a mesma linguagem.

O professor também poderá ajudar bastante no desenvolvimento dessa criança, sendo amiga, valorizando suas realizações, especialmente nas áreas em que prevalecem suas capacidades e seus interesses.

É importante que seus direitos de opinião e participação sejam respeitados, para que ele se sinta capaz e adquira mais segurança em si próprio, devendo ser fortalecida a importância da amizade, compreensão, carinho, respeito com os irmãos, pais e demais colegas da escola.

Seria fundamental um trabalho por parte de uma Assistente Social junto a família, no sentido de fazer um acompanhamento, dando orientações em como a família deve acompanhar, incentivar e estabelecer vínculos com os filhos.

A criança deve continuar com o trabalho psicopedagógico, se possível um acompanhamento psicológico para ele e sua família, pois a mesma parece estar bastante desestruturada e esta falta de estrutura está interferindo na educação dos filhos e podem contribuir para que no futuro se torne crianças revoltadas com o pai, a mãe. Enfim, havendo um trabalho integrado entre escola, família e demais especialistas, pode-se ajudar a criança a superar suas dificuldades emocionais e de aprendizagem.

3.1 Informe Psicopedagógico

3.1.1 Identificação

Nome: D.A.S

Data de nascimento: 16/03/2001

Hoje D.A.S tem 10 anos e 6 meses

Escola: PMM Ano: 5º ano fundamental

3.1.2 Motivo do encaminhamento

A professora relatou que D.A. S apresentava um rendimento escolar muito baixo, preocupada com a situação a professora E.C encaminhou-o para uma avaliação psicopedagógica.

Queixa da Família:

A mãe relatou que D.A.S é muito desorganizado com seus pertences e consigo mesmo, demora muito para fazer suas atividades, apresentando muita dificuldade no aprendizado.

3.1.3 Tempo De Investigação

Período de Avaliação: de 01/08/2011 a 19/08/2011

Número de Sessões: 20

3.1.4 Instrumentos Usados:

A Epistemologia Convergente é uma linha de estudos utilizada no campo da psicopedagogia, que busca a convergência dos diferentes aspectos que constituem o sujeito: epistemofílico, epistemológico, epistêmico. Avaliações Específicas para Diagnóstico de Problemas de Aprendizagem.

Aspecto Epistemofílico: aplicou-se anamnese assistida, anamnese descritiva, observando seu desenvolvimento a partir de relatos de pessoas na família (mãe) que apresentaram alguma semelhança nas dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento.

Aspecto Epistemológico: aplicaram-se as provas piagetianas.

Aspecto Epistêmico: aplicou-se provas projetivas Jorge Visca, buscando analisar as relações vinculares com o meio familiar, social e com a aprendizagem.

3.1.5 Análise dos resultados:

Em relação a si: Insegurança, medo, auto-estima baixo, desequilíbrio emocional, desajuste de afetividade, conflito interno, insatisfação.

Em relação à família: Insatisfação, sentimento de inadequação no contexto familiar.

Em relação à Escola: Imaturidade cognitiva, medo do novo, auto estima baixo, oscilação de comportamento.

Em relação ao social:

Oscilação de humor, narcísica (egocentrismo não superado), baixa tolerância a frustração.

3.1.6 Síntese dos resultados Hipótese diagnóstica

Segundo Weiss (2001; p.140) “Ao final do diagnóstico psicopedagógico, o psicopedagogo já deve ter formado uma visão global do paciente e sua contextualização na família, na escola e no meio social em que vive”. É necessário se relatar a queixa na visão da família e da escola. Caracterizar o encaminhamento feito para um diagnóstico psicopedagógico pela escola, pediatra, neurologista, psicólogo, e outros.

A síntese diagnóstica é a resposta mais direta à questão inicial levantada pela queixa. Faz-se uma síntese do que foi analisado na área pedagógica, cognitiva, afetivo-social e corporal, estabelecendo-se a relação entre as diferentes áreas em função do motivo da avaliação.

É uma reelaboração dos dados e suas interligações, de modo a se ter uma visão global da criança ante a questão da aprendizagem e/ou da produção escolar e assim formular a hipótese diagnóstica final. No prognóstico, relata-se a hipótese final sobre o estado futuro da criança em relação ao momento do diagnóstico. É uma visão condicional, baseada no que poderá acontecer a partir das recomendações e indicações.

Se necessário, pode-se fazer referência a indicadores, como, por exemplo, atitude altamente colaborada, riqueza de expressão simbólica, bom nível intelectual, pedido de ajuda expressa nos testes projetivos, etc.

Nas recomendações, se sintetiza as orientações dadas aos pais e à escola: troca de turma ou de escola, forma de posicionar a criança em sala de aula, modo de lidar com ele em casa e na escola, reformulação de exigências, atribuição de responsabilidade, revelação de fatos, etc.

Conforme observado no estágio apresenta-se agora a conclusão da síntese diagnóstica: a síntese, o prognóstico e as orientações, referentes à criança diagnosticada. Após os dados colhidos, percebe-se que D.A.S tem um Comportamento, pensamento e discurso amplamente desorganizados, vocabulário regressivo e sem coerência, oscilação de humor, sentimento de menos valia, baixa tolerância a frustração disfunção e imaturidade cognitiva.

D.A.S demonstra conflito interno, que resulta na dificuldade de concentração como no relacionamento ensinante e aprendente. Sua idade cronológica não é coerente com sua idade mental. Percebe-se que a mesma não se encontra pronta para aprender dentro da realidade de ensino que lhe é apresentada.

3.1.7 Recomendações e indicações

Percebe-se que D.A.S é uma criança com necessidade de atendimento interdisciplinar. Faz-se necessário uma avaliação psicológica e para um maior êxito do trabalho relacionado às suas necessidades.

REFERÊNCIAS

BASSEDAS, E. HUGUET, T. MARRODÁN, M. et al. **Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BEAUCLAIR, J. **Psicopedagogia: trabalhando competências, criando habilidades**. Editora WAK, Rio de Janeiro: 2004.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **Dificuldades de aprendizagem: o que são e como trata-las?** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____. **A Psicopedagogia no Brasil: Contribuições a partir da Prática** - Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994

BOSSA, V. R. P. **O material disparador – considerações preliminares de uma experiência clínica psicopedagógica**. In: Psicopedagogia, Rev 14 (33), São Paulo, 1995

DROUET, R. C. R. **Distúrbios da aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1995.

FERNÁNDEZ, A. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

PAIN, S. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

PIAGET, J. **O desenvolvimento das quantidades físicas na criança, conservação e atomismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

SOLÉ, I. **Orientação educacional e intervenção psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

VYGOTSKY, L. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: U.S. P, 1988.

VISCA, J. **Clínica Psicopedagógica: epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

WEISS, M.L. L. **Psicopedagogia Clínica: Uma visão diagnóstica.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

WEISS, Maria Lúcia L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas e aprendizagem escolar.** 8ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

ANEXOS

ANEXO A - Entrevista de *anamnese*

1. Dados da criança:

Nome:

Idade:

Local e data de nascimento:

Residência: Própria() Alugada()

2. Dados dos familiares:

Nome do pai:

Grau de instrução:

Profissão:

Idade: Naturalidade:

Nome da Mãe:

Grau de instrução:

Profissão:

Idade: Naturalidade:

*Outros Filhos:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

3. QUEIXA INICIAL:

- Você acha que o paciente apresenta alguma dificuldade para aprender na escola? Qual?
- Desde quando percebeu esse problema?
- Já procuraram especialistas? Quais?
- O paciente está fazendo algum tipo de tratamento médico?
() psicólogo () Psiquiatra () Neurologista () Pediatra () outros, quais?

4. GESTAÇÃO:

- Quais as condições de saúde da mãe durante a gravidez?
- Levou alguma queda ou susto forte?
- Quais as condições emocionais da mãe durante a gravidez?
- O paciente nasceu com quantos meses?
- Com quantos quilos?
- Comprimento ao nascer?
- Qual tipo de parto? () Normal () Cesariana
- Teve algum problema após o parto? Qual?

5.SAÚDE:

- A criança sofreu algum acidente?Qual? () sim () não
-
- Submeteu-se a alguma cirurgia?Qual? () sim () não
- Possui alergias? () sim () não
- Tem bronquite ou asma? () sim () na
-
- Apresenta problema de visão? Qual? () sim () não
- Apresenta algum problema de audição? Qual? () sim () não
- Apresenta dor de cabeça? () sim () não
- Já desmaiou o alguma vez? () sim () não
- Quando?
- Como foi?
- Teve ou tem convulsões? () sim () não
- Alguém da família apresenta algum problema de :
() desmaios () convulsões () ataques
- Quem?

6.ALIMENTAÇÃO:

- O paciente foi amamentado? () sim () não
- Até quando?
- Alimenta-se bem? Como é seu apetite?

7. SONO:

- Possui sono: ()tranquilo ()inquieto () agitado () refere pesadelos () Acorda varias vezes.
- Qual o horário de dormir?
- Dorme sozinho ou com alguém?

8.DESENVOLVIMENTO:

- Andou com que idade?
- Deixou de usar fraldas com que idade?
- É lento para realizar alguma atividade? Qual?
- Como o relacionamento da criança com os pais?

() tranqüila () agressiva () amorosa () muito quieta () fechada () passiva
() medrosa () desligada.

- Quais as medidas usadas para disciplinar o paciente?
- Como reage quando é contrariado?
- Quais as atividades preferidas?
- Descreva o dia-a-dia do paciente desde quando acorda até a hora de dormir:
- O paciente gosta de ir à escola? () sim () não
- Já repetiu a série alguma vez? () sim () não
- Qual ou quais?
- Gosta de estudar? () sim () não
- Tem horário para estudar? () sim () não .Qual?
- Os pais ajudam o paciente nas atividades escolares? () sim () não

ANEXO B - Entrevista com Paciente

Nome: D.A.S

Idade: 10 anos e 6 meses

Escola: P.M.M

Série: 5º ano do Ensino Fundamental

1. O que mais gosta de fazer na escola? Por quê?
2. O que não gosta?
3. Você gosta de estudar? Acha que os estudos são importantes? Por quê?
4. Você gosta de seus professores?
5. Quando você não entende uma explicação o que você faz?
6. Onde você senta na classe? Onde gostaria de sentar?
7. Com quem brinca na escola?
8. Você faz as atividades de casa? Onde você faz? Quem ajuda a realizá-la?
9. Quais atividades escolares você acha mais difícil?
10. Quais atividades que você mais gosta de fazer?
11. Como é o comportamento dos alunos da sua sala?
12. O que você faz quando não está na escola?
13. O que você acha da sua escola?
14. Você se considera um bom aluno?
15. Você acha que tem alguma dificuldade em aprender?
16. Como é a sua família? Onde mora? Com quem mora?
17. Como você é tratado por seus pais? Pela mãe? Pelo pai? Pelos irmãos?
18. Você tem contato com seus avós, tios, primos?
19. Você gosta de ler?
20. O que você quer ser quando crescer?

ANEXO C - Entrevista com a professora

Nome:

Formação:

- 1- Há quantos anos exerce a profissão de professora?
- 2- Gosta do que faz?
- 3 - Qual a metodologia utilizada?
- 4 - Como vai o paciente na sala de aula?
- 5 - Como é o comportamento do paciente na sala de aula?
- 6 - Como reage quando é contrariado?
- 7 - Qual a sua reação com o aluno?
- 8 - Qual a sua relação com o aluno e com o grupo?
- 9- Quais as principais dificuldades apresentadas pelo paciente?
- 10- Quais as suas características quanto à aprendizagem e assimilação de conteúdos?
- 11- Como você descreveria a leitura e escrita do paciente?
- 12 - Como você descreveria o raciocínio lógico matemático do paciente?
- 13- Em qual dessas características o paciente se encaixa?
() agressivo () passivo () dependente () medroso () retraído () excitado () calmo () desligado () sem limites.
- 14 - Comparado as outras crianças da turma o paciente é:
() mais infantil () na média () mais amadurecido
- 15- Faz as atividades escolares?
- 16- Faz as atividades para casa?

ANEXO D - Entrevista Operacional Centrada na Aprendizagem (EOCA)

ANEXO E- Pareja Educativa

ANEXO F - Desenho da família

ANEXO G - Meus compleânios

ANEXO H - Os 4 momentos do seu dia

ANEXO I - Desenho livre

ANEXO J - Protocolo para a verificação da superação ou não do realismo nominal

Diga uma palavra grande.

Diga uma palavra pequena.

Porque esta palavra é grande ou pequena? (A pergunta é feita em duas etapas).

Qual é a maior palavra: a palavra ARANHA ou a palavra BOI?

Por quê?

Qual a palavra maior: a palavra TREM ou a palavra TELEFONE?

Por quê?

Diga uma palavra parecida coma palavra BOLA.

Por que esta palavra é parecida com a palavra BOLA?

Diga uma palavra parecida coma palavra CADEIRA.

Por que esta palavra é parecida com a palavra CADEIRA?

As palavras BALEIA e BALA são parecidas?

Por quê?

Diante de duas cartelas escritas: MESA e CADEIRA, pede-se a criança:

Onde está escrito CADEIRA?

Por que você acha que aqui está escrito CADEIRA?

Diante de três cartelas escritas: BODE, BOLA E CABRA, o examinador chama a atenção da criança para a semelhança visual entre as duas primeiras palavras e faz a pergunta:

Esta palavra parecida com a palavra BODE, é bola ou cabra?

Por quê?

Diante do par de palavras PÉ e DEDO o examinador pergunta:

Nestes cartões estão escritos PÉ e DEDO.

Onde você acha que está escrito PÉ, e onde está escrito DEDO?

Por quê?

ANEXO K - Questionário: Prova da Conservação de Quantidades Discretas

A. “Você tem certeza que estas duas fileiras tem o mesmo tanto de fichas?” ou “Há o mesmo tanto (ou a mesma quantidade) de fichas vermelhas e azuis?”

A. “Se eu fizer uma pilha com as fichas azuis e você fizer uma pilha com as fichas vermelhas qual das duas ficará mais alta?” - Por quê?

A . Como você sabe disso?

Fiz uma modificação na disposição das fichas de uma das fileiras, (A -B) espaçando-as de modo que a fileira A ficou mais comprida do que a B.

A “Tem o mesmo tanto de fichas azuis e vermelhas ou não?”

A. “Aonde tem mais? “

A - “ Como você sabe?”

A - “Você se lembra que antes a gente tinha posto uma ficha vermelha diante de uma azul?” ou “Outro dia um (a) menino (a) como você me disse que nessas duas fileiras tinha a mesma quantidade de fichas; o que você acha disso?”

Repetiu-se o mesmo procedimento do item 1, voltando as fichas para a situação de igualdade A “E agora o que você acha? Tem o mesmo tanto?”

Foram colocadas as fichas de acordo com o modelo (abaixo) e repetido o procedimento do item 2.

A. E agora o que você acha? Tem o mesmo tanto?”

A. Aqui, um círculo com as fichas azuis e D.A.S -faça a mesma coisa com as fichas vermelhas não colocando nem mais nem menos.Em seguida perguntar: “Você tem certeza de que estão iguais?” “Há o mesmo tanto de fichas vermelhas e azuis?”.

A. Como você sabe disso?”

ANEXO L - Prova da conservação das quantidades de líquido

A. “Estão iguais?” Tem a mesma quantidade de água nos dois copos? Você tem certeza? Por quê?

A. “Se você tomar toda a água deste copo (A) e eu tomar toda a água deste (A') qual de nós tomará mais água? Por que?”

Atividade 2A. Transvasei a água de A para B(copo mais estreito e alto) e depois perguntei:

A. “E agora onde tem mais água?”

A. “Por quê? “Como você sabe disso?”

A. “Se eu beber a água de B e você a de A

A. Quem vai beber mais?

Usei a Contra – Argumentação:

A. Outro dia eu estava brincando com uma menina que tem sua idade e ela medisse que nesses dois copos tem a mesma quantidade de água porque a gente não pôs nem tirou. Você acha que aquela menina estava certa ou errada?

.A. Por quê?

Atividade 3.

A. Transvasar a água de B para A novamente, mostrei à criança os dois copos A e A' e perguntar:

A. “E agora onde tem mais água?”

A. “Se eu beber esta água (A) e você esta (B), quem bebe mais eu ou você?” “Por quê?”

Atividade 4.

A. Transvasei a água de

A para C

(mais largo e mais curto) e depois perguntei:

“E agora onde tem mais água?”

A “Por quê? Como você sabe disso?”

Usei a Contra – Argumentação:

A. Outro dia eu estava brincando com uma menina que tem sua idade e ela medisse que nesses dois copos tem a mesma quantidade de água porque a gente não pôs nem tirou. Você acha que aquela menina estava certa ou errada?

ANEXO M - Prova da conservação da massa

"Estas duas bolinhas estão iguais?" - "Elas têm a mesma quantidade (ou o mesmo tanto) de massa?"

A. Você tem certeza?

"Por quê? "

2. Transformei uma das bolinhas em rolinhos, dizendo:

- "Com esta eu vou fazer uma salsicha". Coloquei-a horizontalmente na mesa e perguntei:

"E agora onde tem mais massa?"

"Por quê?"

A. Como você sabe disso?

Usei a Contra-Argumentação:

- "Mas será que está aqui (indiquei a massa com forma de salsicha) tem mais massa mesmo, ela está tão fininha?" O que você acha?

A. Contra argumentei dizendo:

- "Uma menina me disse que nesta mais comprida tem menos massa! O que você acha disso?"

3. Transformei a salsicha em bolinha novamente.

Perguntei a D.A.S se agora estão iguais novamente:

4. Transformei uma bolinha em salsicha novamente. Coloquei a salsicha verticalmente sobre a mesa e perguntei:

- "E agora onde tem mais massa? Por quê?"

DA . "Como você sabe disso?"

Usei a Contra-Argumentação:

5. Transformei a salsicha em bolinha novamente, e perguntei se as bolinhas estavam iguais.

6. Dividi uma das bolinhas em cinco pedacinhos iguais e disse:

- "Desta vez eu vou fazer cinco bolinhas menores. Olhe o que eu fiz!"

Perguntei:

- "E agora onde tem mais massa, nesta bola grande ou em todas estas juntas" Por quê?

- "Como você sabe disso?" Pode contar (e contou) um, dois, três, quatro e cinco.

A. -"Você se lembra, antes as duas bolas estavam iguais, tinha a mesma quantidade. O que você acha disso?"

ANEXO N - Prova de inclusão de classe (frutas)

- "Você conhece estas frutas? Quais são as suas frutas preferidas?"

Em seguida, peguei uma fruta de cada vez e perguntei a criança os nomes, e as mesmas souberam nomeá-las todas. Então, apresentei que era da família das frutas. Coloquei as maçãs e as bananas sobre a mesa de modo que ficaram em seguida 5 maçãs e 2 bananas. Apontei para as frutas e perguntei:

- "Aqui na mesa tem mais maçãs ou tem mais frutas?"

"Por que? Como você sabe disso?"

Usei a Contra - Argumentação para um diagnóstico mais preciso:

- Um coleguinha seu me disse que há mais frutas porque todas são frutas. - "O que você acha disso? Ele está certo ou errado?"

PROCEDIMENTOS AVALIATIVOS:

Ausência de quantificação inclusiva (até aproximadamente 5-6 anos)
Nível 1. A criança faz sistematicamente a comparação das duas subclasses e responde então que há mais maçãs do que frutas. Costuma errar sobre a subtração de subclasse (perguntas 3a e 3b).

ANEXO O - Prova de Classes - Mudança de Critério ou Dicotomia

MATERIAL: Fichas de figuras geométricas recortadas em papelão colorido ou fichas de plástico tipo feito para jogos:

- 6 Círculos de diâmetro de 25 mm (pequenos) vermelhos e 6 azuis;
- 6 Círculos de diâmetro de 50mm (grandes) vermelhos e 6 azuis;- 6 quadrados de diâmetro de 25 mm (pequenos) vermelhos e 6 Azuis;
- 6 quadrados de diâmetro de 50 m (grandes) vermelhos e azuis;
- 1 papelão (tampa de caixa) dividido em 2 partes.

PROCEDIMENTO DE APLICAÇÃO:

A. Coloquei as fichas em desordem sobre a mesa, deixei a criança manipulá-se depois pedi que as descrevesse:

- "Você pode me dizer o que esta vendo?"

2. Classificação Espontânea:

A. Você pode por juntas todas as fichas que combinam?"... Ponha juntas todas as que são iguais." "Ponha juntas as que tem alguma coisa igual... as que se parecem muito".

- "Você pode me dizer por que colocou assim?"

3a. Dicotomia -"Agora gostaria que você fizesse apenas 2 grupos (ou 2 montinhos ou 2 famílias)e os colocasse nessas duas caixas (ou tampa dividida)"

Após o termino dizer: -"Por que você colocou todas essa fichas juntas? E aquelas?"

- A -"Como a gente poderia chamar esse monte aqui?"

3b. Primeira Mudança de Critério

- A -"Será que você poderia arrumar em 2 grupos (montes) diferentes?"

3c. Segunda Mudança de Critério: -"Será que você ainda poderia separar de um outro modo diferente fazendo dois novos grupos. D.A.S- Fez como a primeira vez, (separou por cores), e me disse que não sabia outro jeito não."

ANEXO P - Prova de matemática